



## A ESCRITA COLONIAL E SUAS RANHURAS IDENTITÁRIAS: UM OLHAR SOBRE A TESSITURA FEMININA TRAÇADA EM “MÃE GENOVEVA” E “VAVÓ XIXI E SEU NETO ZECA SANTOS”

*COLONIAL WRITING AND ITS IDENTITY SLOTS: A LOOK AT THE FEMALE  
WEATHER TRAINED IN “MÃE GENOVEVA” AND “VAVÓ XIXI E SEU NETO ZECA  
SANTOS”*

*LA ESCRITURA COLONIAL Y SUS RANURAS IDENTITARIAS: UNA MIRADA AL  
CLIMA FEMENINO FORMADO EN “MÃE GENOVEVA” Y “VAVÓ XIXI E SEU NETO  
ZECA SANTOS”*

**Shayara Lorena Arantes Oliveira**

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

shayaralorena@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-9830-0233>

**DOI**

10.35520/mulemba.2025.v17n33e69767

Recebido: 30 set. 2025

Aprovado: 6 fev. 2026



A Mulemba adota a licença Creative Commons  
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

**RESUMO**

A literatura africana aqui se entrecruza com a literatura portuguesa. Nesse intento, o artigo tem como objetivo refletir sobre dois contos, “Mãe Genoveva”, do escritor português Vergílio Ferreira, e “Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos”, do escritor angolano José Luandino Vieira, vistos a partir da correlação entre um paradigma colonial português e as ranhuras deixadas na subjetividade destas mulheres. Uma, mulher do povo alentejano de pele curtida pelo sol e pelo sofrimento, a outra, angolana que tem na sua existência marcas de clamor, dor e decência. Assim, ao tecer suas identidades, Genoveva e Vavó escrevem um feminino que subverte e transforma as ranhuras deixadas pela perda, dor e desconforto social em movimento, invenção e vida. Por fim, o artigo utilizou-se de pesquisa bibliográfica, em especial, artigos científicos atinentes à temática da construção identitária das literaturas de língua portuguesa.

**Palavras-chave:** identidade, entrecruzamento, feminino, escrita, colonial.

**ABSTRACT**

*African literature intersects with Portuguese literature. To this end, this article aims to reflect on two short stories, “Mãe Genoveva” by Portuguese writer Vergílio Ferreira and “Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos” by Angolan writer José Luandino Vieira, viewed through the lens of a Portuguese colonial paradigm and the scars left on the subjectivity of these women. One, a woman from the Alentejo people, her skin tanned by the sun and suffering, the other, an Angolan woman whose existence bears marks of clamor, pain, and decency. Drawing on bibliographic research, particularly scientific articles addressing the theme of identity construction in Portuguese-language literature, we conclude that, in weaving their identities, Genoveva and Vavó write a feminine that subverts and transforms the scars left by loss, pain, and social discomfort into movement, invention, and life.*

**Keywords:** identity, intertwining, feminine, writing, colonial.

**RESUMEN**

*La literatura africana se entrelaza con la portuguesa. Para ello, este artículo pretende reflexionar sobre dos cuentos, “Mãe Genoveva”, del escritor portugués Vergílio Ferreira, y “Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos”, del escritor angolano José Luandino Vieira, desde la perspectiva del paradigma colonial portugués y las cicatrices que dejaron en la subjetividad de estas mujeres. Una, una mujer del Alentejo, con la piel bronceada por el sol y el sufrimiento; la otra, una mujer angoleña cuya existencia lleva marcas de clamor, dolor y decencia. A partir de la investigación bibliográfica, en particular artículos científicos que abordan el tema de la construcción de la identidad en la literatura portuguesa, concluimos que, al tejer sus identidades, Genoveva y Vavó escriben una femineidad que subvierte y transforma las cicatrices de la pérdida, el dolor y el malestar social en movimiento, invención y vida.*

**Palabras-clave:** identidad, entrelazamiento, femenino, escritura, colonial.



## 1. Dois significantes chamados lusismo e lusofonia

O significante lusismo, no campo linguístico, refere-se a uma construção de identidades através do pertencimento simbólico, social e étnico-cultural à nação portuguesa. No entanto, ao se tratar do campo de guerras raciais e bélicas, Portugal traz marcas sombrias e contextos de crises políticas intensas. Pode-se ver isso, como Laura Cavalcante Padilha bem situa, no episódio nomeado Cerco de Lisboa, em que mostra a origem e confronto entre castelhanos e portugueses (Padilha, 2005, p. 1-26).

Para além das fronteiras canônicas, tece-se um outro caminho, a saber, escritores africanos que desenham tessituras identitárias e imagéticas que confrontam os ditames lusitanos e vai demarcar as distinções subjetivas e históricas destes povos. Nesse sentido, é a partir da revolução de 25 de Abril de 1974, com a descolonização africana, que a autognose, ou seja, a apreciação da própria nação portuguesa, se lançará na ficção mais intensamente (Padilha, 2005, p. 1-26).

No bordado que marca os tecidos criativos literários, num contexto cada vez mais interligado, a literatura portuguesa não poderia se manter distante das interlocuções externas e não fechou suas janelas aos ventos que vem de fora. Para tanto, Laura Cavalcante contribui: “Pensar a questão da cartografia identitária portuguesa implica considerar um trajeto que vai de sua construção imaginária à sua expansão para além dos limites e contrafortes geográficos e culturais europeus” (Padilha, 2005, p. 1).

Por esse percurso sedimentado no corpo histórico e cultural da lusitanidade, chega-se a dois constructos literários, o conto “Mãe Genoveva”, do contista português Vergílio Ferreira, e “Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos”, do escritor angolano José Luandino Vieira. Ao olhar para as duas personagens mulheres é possível pensá-las em uma espécie de entrelaçamento de identidades e, mesmo separadas por um mar que divide estes dois continentes, África e Portugal, acabam por se tornar, elas também, tanto as personagens quanto as próprias literaturas de língua portuguesa, um instrumento cultural de diversidade.

As produções dicotômicas dessas literaturas são marcadas tanto pelas identificações que existem entre os sujeitos intercontinentais produzidos em língua portuguesa quanto pela diversidade ética e subjetiva que esses mesmos falantes se diferenciam, como as classifica Laura Cavalcante (Padilha, 2005, p.1-26).

Desse modo, a língua falada, o português, traduz a aproximação entre esses seres que, a níveis que se estendem para além da língua, podem entrelaçar culturas e subjetividades tão distintas.

Um dos elementos socioculturais importantes para a construção de identidades entre os povos europeus é a língua portuguesa. Esta, por conseguinte, sedimentou-se, se lançando a diferentes teias intercontinentais, marcando as distinções que atravessam os países colonizados que fazem da língua portuguesa sua língua oficial. O corpo étnico e cultural da lusitanidade traçam um trajeto, imaginário e simbólico, que faz emergir tanto



o lusismo, ou seja, considerado pelo campo linguístico dentro do próprio território europeu, quanto a lusofonia, essa expansão da língua e seus atravessamentos culturais, para além da comunidade europeia, atingindo América, parte da Ásia, Oceania e África.

A participação das literaturas produzidas em língua portuguesa também assume um papel cultural importante na propagação dos entraves travados pelas culturas e pela confrontação sofrida pelos movimentos de discriminação de povos. Este fato pode ser encontrado nos contos aqui apresentados. Portanto, o lusismo e a lusofonia são denominadores impar para se pensar a correlação entre a história e a literatura.

E por falar no estilhecimento da história junto à narrativa literária, em *Genoveva* e *Vavó Xixi*, a solidão, a morte, a fome, a cor, o indizível e o real alucinado, são significantes que marcam ambos os espaços, ficcional e existencial traçado por elas, na narrativa. Nessa direção, pondera-se que, abdicando de qualquer forma de linearidade, estas mulheres, da mãe branca *Genoveva* à avó negra *Vavó Xixi*, representam, através de suas fragilidades étnicas e subjetivas, a fragmentação da história da nação portuguesa colonizadora projetada metonimicamente nestes sujeitos inseridos numa comunidade atravessada pela dor, perda e miséria social.

Tal metonímia ganha ainda maior peso teórico e crítico quando se chega ao campo de significação da palavra lusofonia, cujo termo linguístico destina-se ao conjunto de países que possuem a língua portuguesa como a língua dominante ou oficial. Assim, a lusofonia abrange Portugal e os países que foram atravessados pela colonização portuguesa. Surgem, já agora, novas articulações de sentido no campo de saber dos estudos literários como o seu diálogo com os povos africanos, em seu contexto cultural, social e subjetivo, como sendo estes, parte dessa comunidade de seres falantes de língua portuguesa. Com isso, Ana Isabel pensa-se: “A noção de lusofonia como uma unidade de funcionamento no discurso [...] que articulam a história dos povos que utilizam a língua portuguesa” (Madeira, 2003, p. 13).

Por seu turno, *Genoveva* e *Vavó Xixi* acabam por despertar um grito que além de político, torna-se um grito existencial e ético, uma espécie de correção de um passado marcado por sérios entraves no processo de subjugação dos povos. De um lado *Genoveva*, que clama pelo filho perdido e, como um deslizamento de sentido estético, clama-se pelo retorno de Portugal sem suas manchas. Por outro lado, *Vavó Xixi*, que clama, em tonalidades vocais irônicas e traumáticas, o apumar-se na vida de seu neto. Isso diz respeito tanto ao cenário produzido por Portugal manchado por riquezas acumuladas das mais sombrias formas, quanto às tramas de miséria e subjugações violentas que compõe os tons de subjugação colonial (Padilha, 2005, p. 1-26).

Tais operadores literários endereçam-se para um cenário de fragmentação existencial, bem como aquele representado por *Vavó Xixi*, cujo corpo fragmentado é atravessado pela presença de uma polifonia linguística, como visto no seguinte excerto: “Primeiro, um vento raivoso deu berrida nas nuvens todas fazendo-lhes correr do mar para cima do Kuanza” (Vieira, 2019, p. 4). A respeito disso, Inocência Mata esclarece:



No caso das literaturas africanas, diferentemente de suas congêneres portuguesa e brasileira, é preciso não esquecer que essa literatura [em língua portuguesa] constitui parte – uma parte significativa é verdade – dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa, que incluem também produções em línguas africanas, crioulas ou autóctones (Mata, 2004, p. 350).

Do ponto de partida do campo literário africano, ao entrecruzar a língua portuguesa, traz à tona uma linguagem de enfrentamento e confronto perante à figura do colonizador. Assim sendo, possibilita o rompimento de fronteiras simbólicas, imaginárias e sociais extremamente normativas, para criar um campo de produção literária e de (re)invenção.

## 2. Tessitura feminina em Genoveva

Genoveva cartografa em sua subjetividade operadores catárticos de linguagem. Sua identidade é mediada por um sentimento de pertença, de solidão, quase sempre originados da ficcionalização da morte como um destino dado à consciência do homem diante das suas demandas existenciais. O tempo em que Genoveva vive é um tempo de embate existencial justificado pela permanente inquietação dos indivíduos que, dentro e fora do constructo literário, assinalam seu destino incerto, inseguro e imprevisível na vida, destino este que dimensiona lugar de desorientação e de vazio antropológico. A obra resgata o momento de identificação de Genoveva à multiplicidade de vozes ecoadas pela nação portuguesa assolada em seus preceitos políticos, culturais e econômicos.

Em Genoveva, a ausência de otimismo na fala do narrador se revela, o que resulta, sem sombra de dúvidas, na representação da figura materna Mãe como expansão e eficácia estética de um ego pronto para se sacrificar pela sua cria, o momento de inequívoca certeza da finitude salta da ficção para a história, assim: “Ela sentia embaterem os gritos de lá de dentro, clamores de uma esperança terrível, altas colunas de silêncio como saudações à morte” (Ferreira, 1984, p. 128).

A partir da projeção feita, portanto, pela via da ficcionalização da morte, Genoveva é a mãe que tece sua escritura, de ser e escrita, ao recriar o estatuto de solidão que a condena, o que culminará na partilha do tom obscuro dado às paredes identitárias de sua existência:

A montanha espadaúda combateu brutaemente contra o céu, caíram sobre o mundo tumultos de trovoadas, chuvas e nevoeiros esmagaram a terra de pavor. Mas havia para Genoveva, no centro de tudo isso, uma oculta defesa, não bem contra o perigo do céu e da montanha, não bem contra o terror do mistério, mas contra uma pálida suspeita de morte, que se alongava pelas noites solitárias (Ferreira, 1984, p. 127).

A escritura corpórea de mulher, em Genoveva é fatigada por uma realidade ficcional sangrenta e obscura que se dá no instante em que apresenta um contexto social violento, ameaçador e precário à condição humana e, ao despir dela a confiança certa do olhar, escreve:

Assim Genoveva o foi esperar ao limite mais extremo da sua confiança, serena, branca e loura, alta e loura como a glória. E tendo-se apenas fitado longamente um ao outro, reconheceram-se por detrás da sucessão dos séculos, húmidos de origem, infundáveis de apelo, como tocados, para sempre, de um esquecido indício divino (Ferreira, 1984, p. 128).

Essa dificuldade de integração em Genoveva a inscreve num meio hostil e a fará regressar à solidão imbrincada na sua subjetividade, efeito da desordem violenta que acometia suas relações. “Havia silêncio no céu, a montanha dormia ainda, longamente, as estradas iam desertas pelo mundo. Genoveva abriu a janela para a solidão da manhã e esperou” (Ferreira, 1984, p. 124).

A solidão no conto aparece atravessada pela contingência de urgências vivida pelos sujeitos num mundo de dominação colonial, sendo a cidade, o espaço em que estes sujeitos-personagens buscarão inscrever suas subjetividades, aliando sua constituição singular à alienação. Os duelos verbais em Genoveva também são dignos de reflexão, pois são feitos para consolidar a coragem dela, cuja identidade, diferentemente dos demais, não teme assumir a mazela humana ao enfrentar os embates que reforçavam sua tessitura identitária de humilhação e subalternação, portanto, a perda do filho, a solidão, o desamparo existencial e social e a própria morte. As estações iam e vinha, num movimento de escrita e estética dessa mulher e, ao morrer, seu corpo de memória vive. No trazer de cada primavera, advém conjuntamente o cheiro da ausência do filho, a sombra imagética da tortura e do tédio sofrido por ela.

Genoveva suplementa a aparição de um ego fragilizado pelas lidas coloniais comumente perigosas que, paradoxalmente, só se consegue afirmar na relação de confronto a que se estabelece com o outro que, ao mesmo tempo que a condena ao fatal encontro com a morte, também ilumina o sentido obscuro da sua existência.

### 3. Tessitura feminina em Vavó Xixi

Em Vavó Xixi, a narrativa traça a história remanescente da burguesia negra que ascendeu em Angola na segunda metade do século XIX, e que passou por um tempo de falência econômica e social a partir da nova hegemonia do colonialismo português que vigorou no início do século XX. Nesse cenário, a nação europeia e a nação africana



sofreram convergências graves, e o resultado disso foi o estranhamento étnico e social que desencadeou um campo cruel da colonização: a intolerância racial. Em algum tempo mais brando, em outros, mais violento. Com o passar dos anos, a interconexão dos povos, como aponta a história e a literatura, mostra que os países africanos sempre foram marcados por ranhuras de violência moral, racial e social pelo continente ocidental (Vieira, 2019, p. 24).

A identidade da personagem Vitória, é então descrita a partir do retorno às construções identitárias da burguesia negra e enfatiza uma dimensão traumática inquestionável. Uma mulher velha que pode ter pertencido a esse contexto social que ascendeu e declinou-se no sistema colonial.

Dessa forma, os discursos que o sistema oficial escolheu por negligenciar, a literatura se propõe a dar importância. Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos traz a complexidade e perplexidade estética em sua narrativa linguística, bem como no espaço ficcional a que se desenha. Os espaços são descritos valorizando os elementos da natureza, o movimento de estar dentro e fora das cubatas. O narrador e os personagens do conto têm a percepção da natureza e das questões cotidianas por meio das cenas em movimentos, barulhos e cores. “Depois, pouco-pouco, os pingos da chuva começaram cair e nem cinco minutos que passaram todo o musseque cantava a cantiga d’água nos zinhos, esse barulho que adiantou tapar os falares das pessoas” (Vieira, 2019, p. 5).

O conto “Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos” abre-se para diversas possibilidades de análise, no entanto, a reflexão segue às margens do feminino traçado por Vavó Xixi ao explicar suas vivências num panorama de exploração, miséria e subalternação colonial. Pele de mulher negra, velha e pobre, Vavó Xixi alimentava-se de alma culposa e, paradoxalmente, alegre, prosseguimento de corpo e história, seguia a varrer o quintal de sua existência, “Vavó Xixi muxoxou na desculpa, continuou varrer a água no pequeno quintal” (Vieira, 2019, p. 12). E, mais adiante, continuava sem esmorecer: “Vavó Xixi Hengele, velha sempre satisfeita, a vida nunca lhe atrapalhava, descobria piada todo o dia, todos os casos e confusões” (p. 13).

Vavó Xixi sorria anestesiada pela fome que a assolava, como visto nos diálogos com a vizinha:

Ri os dentes brancos dela, parece são conchas, xuculula-lhe, mas não é raiva, nem desprezo, tem uma escondida satisfação no fundo desse revirar dos olhos bonitos e, no fim, aponta a esteira, quase séria:

— Brinque com o Joãozinho, Abel! Se Bastos Ferreira sabe as suas palavras... Você, Abelito, vai sujar as calças! (Vieira, 2019, p. 13).

A tessitura identitária europeia é aí denunciada pela escrita feminina de Vavó Xixi. Desfilam, pelo texto angolano, de um lado a nação portuguesa tecida por ranhuras morais



e coloniais, e de outro, a mulher negra, envergada num corpo que sofre as marcas coloniais e que, entretanto, cede lugar para rumores de uma vida menos amarga.

O tecido narrado no conto ganha uma natureza viva e ao mesmo tempo precária e ameaçadora, pronta para provocar ranhuras e abandono no corpo dessa personagem-avó. No conto, também pode ser vista uma mistura entre a língua portuguesa e a língua bantu, de origem africana, que traça teias narrativas independentes.

Aqui, vê-se um feminino traçado pela história de Dona Cecília de Bastos Ferreira, Vavó Xixi, mulher negra, viúva de um comerciante rico, Bastos Ferreira, que, em seu personagem, entrou em falência econômica, fazendo com que ela passasse a viver com seu neto Zeca Santos, num casebre, no interior de Luanda (musseque). Sua história permite fazer alusão a um passado marcado pela dor e pelo sofrimento a que passaram os antigos comerciantes negros no tempo colonial.

A partir dessa alusão, mergulhar no universo dessa mulher abastada e amada, que participou da burguesia em seus tempos de glória, tendo empregadas para lhe servir, é imergir num feminino que abrigou uma casa-existência cheia de cortes, perdas, miséria e falência, pelo qual, ela mesma, Vavó Xixi, passou a morar nesse lugar físico, subjetivo e cultural pelo qual as chuvas coloniais faziam com que “as paredes deixavam escorregar barro derretido” (Vieira, 2019, p. 17).

O feminino traçado pela personagem do conto, Vavó Xixi traz consigo uma escrita subjetiva potente, um feminino que subverte as ranhuras de perda, dor e desconforto social em invenção de uma vida que resiste em permanecer, aqui e lá, mesmo mortificada pelo seu passado, porém vivificada pela crença em um devir desenhado também pelos chistes (expressão que designa o uso do humor e da piada como forma de lidar com o sofrimento psíquico, formulada e publicada por Sigmund Freud em suas obras incompletas). Em termos psicanalíticos, para Sigmund Freud (2010), o humor é a maior manifestação dos mecanismos de adaptação do indivíduo. Por isso que na narrativa de Luandino Vieira, o narrador afirma que “Vavó Xixi Hengele, velha sempre satisfeita, a vida nunca lhe atrapalhava, descobria piada todo o dia” (Vieira, 2019, p. 21).

Essa avó negra carregava a cultura de seus antepassados africanos e exercia uma figura feminina de autoridade moral e transcendental na comunidade em que vivia (musseque). Era uma mulher/senhora que dava seus contornos de admiração e respeito a todos os demais personagens. “A curiosidade, essa mania de Vavó saber mesmo tudo como era, de pôr sempre sua fala, sua sentença, sua opinião dela saía logo-logo” (Vieira, 2019, p. 29).

Assim, suturar as feridas morais e de opressão da realidade angolana é, sobretudo, apontar o que há de mais drástico nessa realidade e, ao caminhar pela construção da subjetividade desses espaços ficcionais, alcança-se uma existência estética que se constitui dentro dessa mesma realidade. O trajeto identitário percorrido por Vavó Xixi sublima dor e opressão para não desfalecer, para não mutilar seu corpo-mulher em pedaços de carne sem esperança:



O musseque, nessa hora, parecia era uma sanzala no meio da lagoa, as ruas de chuva, as cubatas invadidas por essa água vermelha e suja correndo caminho do alcatrão que leva na Baixa ou ficando teimosa, em cacimbas de nascer mosquitos e barulhos de rãs. Tinha mesmo cubatas caídas, e as pessoas, para escapar morrer, estavam na rua com as imbambas que salvaram. Só que os capins, aqueles que conseguiam espreitar no meio das lagoas, mostravam já as cabeças das folhas lavadas e brilhavam uma cor mais bonita para o céu ainda sem azul nem sol (Vieira, 2019, p. 5).

Na mesma esteira de construção de subjetividades, a mulher Genoveva e a mulher Vavó Xixi, na sua relação com o outro, com seus laços mais íntimos, com sua história e consigo mesmo, vêm suas diferenças rompidas pela realidade de luta e desemprego que as aproxima. Assim, ambas fazem suplência à terrível carga social que as assola e, na convergência dessas escritas com a forma estética que elas propõem e assumem, percebemos que ao transformar estas mulheres em arquétipos de vida, morte e opressão, a narrativa ficcionaliza o que há de mais frágil no humano, dentro de uma esfera que traduz um tempo colonial e, por isso, complexo, e, não obstante, faz romper, na cena literária, a experiência fulcral de resistência a que pertencem seu traço fino de existência, num fio condutor que faz nascer um feminino.



### Referências

FERREIRA, Vergílio. Mãe Genoveva. *In*: SALEMA, Álvaro (org.). **Antologia do conto português contemporâneo**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1984.

FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MADEIRA, Ana Isabel. **Sons e silêncios da lusofonia**: uma reflexão sobre os espaços tempos da língua portuguesa. Lisboa: EDUCA, 2003.

MATA, Inocência. A invenção do espaço lusófono. *In*: AMORIM, Maria Adelina; CRAVEIRO, Maria José; MARQUES, Maria Lúcia Garcia (org.). **Homo viator**: estudos em homenagem a Fernando Cristóvão. Lisboa: Colibri, 2004.

PADILHA, Laura Cavalcante. Da construção identitária a uma trama de diferenças: um olhar sobre as literaturas de língua portuguesa. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 73, p. 3-28, dez. 2005.

VIEIRA, José Luandino. **Luuanda**. Luanda: Leya, 2019.

